

O conceito de natureza e vida na filosofia de Gilles Deleuze

The concept of nature and life in Gilles Deleuze's philosophy

José Vinícius Barbosa Silva Vêras¹

Resumo: O presente trabalho realiza uma investigação sobre a filosofia da diferença de Gilles Deleuze, particularmente como seu pensamento vai de encontro com a metafísica tradicional no âmbito da discussão sobre identidade e natureza de todos os seres. Argumentamos como a interpretação de Natureza e de vida para todos os *entes* orgânicos e inorgânicos é redimensionada pelo autor, definindo, para isso, seu instrumental conceitual – filosofia da diferença, plano virtual do pensamento e do ser – e enfatizando como neles a diferença pode, finalmente, ser unívoca.

Palavras-chave: Ontologia. Natureza. Vida. Identidade. Diferença.

Abstract: This article presents an investigation on Gilles Deleuze's philosophy of difference, emphasizing how his thought contrasts with the traditional metaphysics in the context of the discussion on identity and nature of all beings. Pointing his main concepts – philosophy of difference and virtual plane of thought and being –, our argument is the interpretation of Nature and life for all organic and inorganic *entes* is resized by the author, highlighting how the difference can be univocal through these concepts.

Keywords: Ontology. Nature. Life. Identity. Difference.

INTRODUÇÃO

O filósofo francês Gilles Deleuze em seu livro principal e tese de doutoramento *Diferença e Repetição* apresenta os principais fundamentos e conceitos de sua filosofia. No decorrer de outras obras escritas por Deleuze, são utilizados conceitos e discussões que têm seu aprofundamento realizado em *Diferença e Repetição*, que por sua vez caracteriza-o definitivamente como filósofo da diferença. Pode se dizer que a filosofia de Deleuze, assim como a de Spinoza (uma de suas principais influências ao lado de Nietzsche) entra em choque com História da Filosofia com a qual estamos acostumados. O principal questionamento proposto pelo presente trabalho se concentra na discussão sobre os conceitos de identidade, natureza e vida para Deleuze, uma vez que esses questionamentos são entrelaçados por uma noção ontológica da existência de todos os seres.

¹ E-mail: viniciusveras2000@gmail.com. Instituição: UFMA – Universidade Federal do Maranhão / Campus São Bernardo. Titulação: Graduando. Agência de Fomento / Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Orientador: Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda, UFMA.

Pensar acerca da filosofia da diferença de Deleuze consiste em um recuo conceitual e questionamento junto ao autor sobre uma nova percepção da vida encontrada fora do pensamento clássico de ambiguidades identitárias, onde uma ideia de “modelo” tende a excluir o elemento não convencional (diferença) ou o subordina a ideais metafísicos de analogia, fazendo com que nossa percepção acerca da realidade caminhe junto de pré-conceitos e generalidades estabelecidos por uma imagem do pensamento ou “Deus”.

De antemão é necessário ter em mente o problema da identidade a partir do ponto da lógica clássica, seguindo 3 princípios: identidade, não-contradição e terceiro excluído. Toda a formação de uma visão de mundo, verdade e identidade, ou seja, de uma filosofia clássica da identidade põe em questão a ambiguidade do pensamento no indivíduo, excluindo o elemento que permite pensar a univocidade dos seres.

Assim como propõe Deleuze, nesta pesquisa pensaremos a diferença por ela mesma, expondo argumentos de similaridade e distanciamento com o conceito de vida e identidade mais predominante no pensamento tradicional. No decorrer da argumentação metafísica elementos da filosofia de Spinoza e Nietzsche são primordiais e indispensáveis para essa análise, tais como univocidade e o eterno retorno uma vez servindo de forma análoga para pensar a diferença sem apelo ao pensamento transcendente. Pensar a natureza e a vida na filosofia contemporânea exige o questionamento acerca do que funda o pensamento, ou então uma forma que pense o indivíduo como uma relação fora dependência transcendental ou histórica; é realocar-se em uma percepção de vida fora dos determinismos do pensamento clássico.²

Para Deleuze, pensar o elemento da diferença na proposta de sua obra é pensar um conceito. A relação íntima que dá nome à obra principal trabalhada, relação entre diferença e repetição, é fundamental e se encontram num “esquema de afirmação no

² O foco do presente trabalho se localiza em discutir acerca dos principais pontos da Filosofia de Deleuze e sua influência principalmente por Spinoza na discussão sobre ontologia, natureza, identidade e vida. Porém, é necessária a menção sobre toda a discussão acerca desse tema na História da Filosofia, desde os clássicos gregos até a Filosofia Moderna de Descartes, Hegel e Kant. Entretanto, por ser um tema de extensa discussão e críticas as mais diversas, o presente trabalho não tem como foco principal o aprofundamento no problema histórico-conceitual sobre a identidade, mas sim acerca dos argumentos e crítica de Deleuze sobre esses conceitos a fim de fundar uma nova ontologia, na ordem de suas teses primária e secundária de doutorado, respectivamente *Diferença e Repetição*, e *Espinosa e o problema da expressão*.

campo diferencial, sendo a divergência e o descentramento da diferença correspondente ao deslocamento e disfarce da repetição” (DELEUZE, 2018, p. 14). Para existir a diferença e pensa-la por si, é necessário pensar as relações na repetição do mesmo e na diferença com a negação.

1. O SIMULACRO E O PROBLEMA DAS GENERALIDADES

O ponto inicial a ser debatido aborda o modelo de pensamento filosófico predominante e o motivo por que ele apresenta e exclui o que lhe é diferente. Existe uma dependência, pensar a verdadeira diferença é pensa-la em um esquema de repetição e autoafirmação, oposto à negação e ao determinismo. Em crítica à Hegel o autor afirma: “[...] a diferença e a repetição tomaram o lugar do idêntico e do negativo, da identidade e da contradição, pois a diferença só implica o negativo e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico” (DELEUZE, 2018, p.13).

A proposta de pensamento dialético de Hegel apresenta uma forma de representação da identidade na qual o pensamento exclui o movimento de repetição em troca de uma generalidade; uma definição. Entretanto, como foi afirmado pelo autor, a diferença e a repetição tomaram o lugar de um conceito geral no âmbito do simulacro³ através da relação que a diferença estabelece ao ser subordinada a si mesma pelo movimento de repetição, dentro de um processo de autoafirmação.

O pensamento moderno não está dentro de um modelo representativo que exclui e abafa ou pune o diferente, aqui a ideia de Deus é abandonada, abandonando também uma representação de Bela-alma, quando por exemplo, a religião com um modelo transcendental onde a imagem do pensamento exclui a oposição ou a negação. Neste exemplo específico o elemento de comparação ou analogia (de proximidade com Deus) é prejudicial, uma vez que uma diferença sem a negação ou o oposto não se encontra na possibilidade de diferenciar-se por si mesma no duplo movimento de repetição (repetir e diferenciar com o outro e consigo), não produzindo outras diferenças, ou seja, a imagem do pensamento se relaciona com seus semelhantes no esquema de criador e criatura; mas nunca se confundindo os papéis.

³ Local onde todas as identidades são simuladas, onde o diferente se relaciona com a diferença por conta da diferença, não existindo uma relação entre imagem e semelhança, ou pensamento e generalidade.

Se pensarmos um modelo religioso padronizado, aquilo que vem a se diferenciar passa por uma relação mais íntima como a de um pecador. Uma vez que uma forma de pensamento identitária se caracteriza por uma imagem e semelhança, ou entre um simples exemplo de “somos diferentes, mas não opostos”, a singularidade do ser estaria assim segundo a filosofia Deleuzeana sujeita à uma generalidade autodestrutiva.

O problemático e o diferencial determinam lutas ou destruições em relação às quais as do negativo não passam de aparência e os votos da bela-alma não passam igualmente de mistificações na aparência. Não é próprio do simulacro ser uma cópia, mas reverter todas as cópias, revertendo também os modelos: todo pensamento torna-se uma agressão. (DELEUZE, 2018, p. 14).

Deleuze enxerga na filosofia do eterno retorno de Nietzsche uma lógica-ontológica para pensar a diferença, saindo da ideia do eterno retorno do mesmo e partindo para o retorno da diferença. O elemento da lógica no eterno retorno é independente de uma transcendência e aloca-se como imanente; ora o ser imanente que se autoafirma é a base de uma diferença por ela mesma, o que retorna agora não é mais o mesmo, mas sim o diferente, “[...] e essa é uma ponte entre Nietzsche e os que podem, de um modo ou de outro, menos ou mais, ser aproximados do filósofo da vontade de potência e do eterno retorno.” (MACHADO, 2010, p.37)

O processo de afirmação da imanência subverte o dogmatismo do pensamento da representação no cerne do pensamento da identidade (não fazendo o pensamento depender de referências transcendentais e empíricas), estando de total oposto ao dualismo no pensamento da representação, ou imagem do pensamento⁴. Em crítica ao modelo de juízo de Hegel e Kant, Deleuze afirma que esse modelo faz a relação entre a representação e o senso comum por meio de um juízo análogo da identidade.

Neste sentido, toda filosofia das categorias toma o juízo como modelo – conforme vê Kant e até mesmo em Hegel. Mas, com seu senso comum e seu sentido primeiro, a analogia do juízo deixa subsistir a identidade de um conceito, seja sob forma implícita e confusa, seja sob forma virtual. A analogia é o análogo da identidade do juízo. A analogia é a essência do juízo, mas a analogia do juízo é o análogo da identidade do conceito. (DELEUZE, 2018, p. 60).

Quando o autor discute sobre as ramificações da analogia, ele fala sobre a prescrição de uma diferença que está em relação com um conceito geral do juízo, ou

⁴ Por imagem do pensamento, entende-se aqui uma relação entre o pensamento do indivíduo com um modelo de pensamento já existente. Se pensarmos a religião por exemplo, o pensamento dos indivíduos sobre identidade e vida sempre vai estar em uma estreita relação com a oque se acredita sobre “Deus” ou algo que represente uma generalidade.

melhor dizendo, não produzindo uma diferença pela diferença, mas uma diferença genérica que prescreve a identidade. Por mais que haja uma fuga do transcendental, existe ainda uma necessidade análoga ao juízo de determinação, e a relação análoga é dependente de arquétipos predefinidos do pensamento por uma generalidade. “Portanto não é de se estranhar que, do ponto de vista da analogia, tudo se passe em mediação e em generalidade – identidade do conceito geral e analogia dos conceitos mais gerais – nas regiões médias do gênero e da espécie”. (DELEUZE, 2018, p. 65).

Para Deleuze um conceito não deve ser determinado, aqui a preocupação se concentra em pensar no devir e na multiplicidade⁵ no processo de afirmação da diferença pela própria diferença, e não por uma analogia identitária. A identidade aqui é indefinida, e a indefinição em si na relação com a essência unívoca exprime individualidades dos seus modos, imanando da mesma essência.

No problema central sobre a natureza de todos os seres e na proposta de pensamento de Deleuze, se encontram as críticas sobre a analogia e Deus (ou imagem do pensamento), e também como já comentado, sobre as formas tradicionais de como tratar a vida em um jogo de identidades ambíguas. É possível afirmar que a identidade dos seres a partir da metafísica tradicional se encontra no campo da analogia⁶, da representação e do juízo. Deleuze, como leitor assíduo de Spinoza, busca em sua filosofia os elementos fundamentais para pensar a natureza e a vida fora da ambiguidade e exclusão, e aqui é possível afirmar que nunca antes Deleuze foi tão Spinozista, por preservar em sua filosofia a univocidade do ser e a imanência dos modos que Spinoza pensa ao falar sobre “Deus”, ou seja, toda a crítica de Deleuze sobre o pensamento tradicional caminha de lado ao pensamento Spinozista desde o início de sua argumentação, e sua perspectiva acerca de natureza e vida vão contra a analogia do pensamento e ao pensamento transcendente sobre “Deus”, ou como venho citando no trabalho, imagem do pensamento.

Pensar a imanência ao invés da transcendência e a univocidade ao invés da

⁵ “[...] a multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema. O uno e o múltiplo são conceitos do entendimento que formam as malhas frouxas demais de uma dialética desnaturada, dialética que procede por oposição. (DELEUZE, 2018, p. 245)

⁶ Para Deleuze, analogia é o estado em que o pensamento estabelece uma relação entre a identidade de algo e uma generalidade. Pensemos, por exemplo, a relação entre imagem e semelhança presente no cristianismo, onde a divindade não se mistura, mas têm sobre si a imagem do pensamento das relações de juízo.

equivocidade é pensar a natureza e a vida a partir de uma lógica de diferenciação do mesmo e autoafirmação individual, ou seja, Deleuze pensa sobre multiplicidade ao invés de diferenças específicas e genéricas⁷ que categorizam o ser, logo a diferença existe, mas uma diferença genética (de gênese interna) ou processual.

O problema que Deleuze enxerga na ideia de categorização do ser e seus gêneros em Aristóteles⁸ é superada em Spinoza, uma vez que para ele, emanamos da mesma essência divina e nossa distinção ou diferenciação só se dá a partir das relações de repetição e intensidade de seus modos. No pensamento Deleuzeano/Spinozista não existe algo classificável como superior a outro partindo da analogia do juízo, todos os seres existentes emanam a mesma essência.

Todas as conseqüências aparecem imediatamente. Não há nenhuma hierarquia nos atributos de Deus, da substância. Por quê? Se a substância possui igualmente todos os atributos, não há hierarquia entre os atributos, um não vale mais do que o outro. Em outros termos, se o pensamento é um atributo de Deus e se a extensão é um atributo de Deus ou da substância, entre o pensamento e a extensão não haverá nenhuma hierarquia. Todos os atributos teriam o mesmo valor desde o momento em que são atributos da substância. (DELEUZE, 2019, p.79)

Deleuze propõe pensar uma nova ontologia com influências de Spinoza em busca da diferença na univocidade. O problema da diferença e identidade na tradição filosófica se dá por conta de a equivocidade sempre propor uma analogia do pensamento; uma relação de dependência do pensamento sem o processo de autoafirmação. Na univocidade e na imanência, ao contrário da transcendência, a exclusão e categorização são abandonadas, não caindo assim no problema da analogia da identidade. Quando Deleuze pensa dentro da filosofia de Spinoza, procura a relação entre substância (Deus, uno) e atributos que têm como essência a própria substância, ou seja, a substância está em todas as coisas, mas as coisas não são a substância (Deus). Fazendo com que a identidade sempre emane de uma mesma substância, mas não se confunda com ela.

Não existe uma dualidade no pensamento e nem na identidade, a diferença aqui

⁷ Essas diferenças específicas podem ser exemplificadas em grupos de seres, como por exemplo animais: equinos, bovinos, aves..., em suma, as diferenças específicas são explicitadas na relação entre matéria e forma.

⁸ Embora o problema da teoria hilemórfica de Aristóteles seja pertinente e de extensa discussão, aqui busco somente abordar o que, em *Diferença e repetição*, é pertinente para Deleuze, que é o jogo de classificação dos seres e a relação de matéria e forma que são subvertidas pela relação de matéria e força/intensidade.

se dá nos modos de existência imanentes a partir da substância. Observemos que aqui a natureza e a vida dos entes não estão afirmadas dentro do esquema de hierarquização da semelhança (ou analogia) do pensamento; pelo contrário o processo horizontal e rizomático⁹ de afirmação da vida na univocidade possibilita uma autonomia identitária no processo de afirmação da diferença, assim na repetição existindo a intensidade de afirmação.

Em *Diferença e Repetição*, Deleuze fala sobre simulacro¹⁰ e devir a partir de reflexões semelhantes ao pensar acerca da identidade no pensamento, seja para enfatizar a perda de verticalidade fora do esquema de semelhança e reforçar a horizontalidade, seja para pensar o local do devir da identidade, o paradoxal. Ambos os termos servem pra pensar fora da generalidade do pensamento e das analogias do juízo. A generalidade é autodestrutiva, as analogias tropeçam na imagem do pensamento fazendo com que a vida assim continue sendo pensada dentro de um problema da negação e da classificação; logo a analogia é figura da equivocidade, ela introduz o transcendente e a nivelção desigual das diferenças do ser.

2. A NATUREZA DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA E A EXPRESSÃO DA UNIVOCIDADE EM SPINOZA

Um dos pilares da filosofia da diferença de Deleuze é o pensamento de univocidade do ser e movimento de diferenciação e afirmação da própria diferença. Dito isto, Spinoza e sua visão sobre natureza e vida, neste caso o *Deus sive Natura* permite a Deleuze a liberdade das analogias e classificações do pensamento. O mundo da representação não se torna mais necessário para pensar a diferença quando ela já está em si emanando do mesmo Ser e se autoafirmando.

As diferenças específicas pensadas por Aristóteles em sua teoria Hilemórfica¹¹ apresentam certos graus de proximidade com o ideal absoluto, onde a matéria e forma

⁹“Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo” [...] (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 37, grifo do autor).

¹⁰ O simulacro é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude. [...] Se o simulacro tem ainda um modelo, trata-se de um outro modelo, um modelo do Outro do qual decorre uma dessemelhança interiorizada. (DELEUZE, 1998, p.263).

¹¹ Teoria em que os seres se classificam de acordo com atributos físicos em relação a uma generalidade ou “Deus”. Essa relação se dá através da relação entre matéria-forma, e classifica de forma hierárquica os seres vivos em categorias de seres. Se pensarmos em uma escada de seres até “Deus”, o ser com características superiores e que mais se aproxima de Deus seria o ser humano possuidor da racionalidade.

são os meios de similaridade com o Ser. Os entes divididos por categorias se relacionam com a substância (ousia), por meio da relação matéria-forma em um plano vertical; o ser que está mais próximo da divindade possui um elemento superior e distintivo em relação aos outros seres; este último sendo o ser humano possuidor do intelecto. As classificações biológicas também seguem um plano de engavetamento e divisão entre classes de seres de acordo com seus atributos físicos, e se relacionarmos junto à teoria Hilemórfica esses “atributos dos seres” seriam sempre analisados dentro da relação funcional entre matéria e forma, fazendo assim com que o almanaque da vida continue em construção, classificação e proximidade (mamífero, onívoro, quadrúpede, equino, racional, irracional).

O problema do ser na teoria aristotélica não é de fato o foco do presente trabalho, entretanto, ainda em Aristóteles, Deleuze observa o movimento em que a diferença se relaciona no centro do problema¹², mas não sobre uma diferença ontológica (o movimento repetitivo e auto afirmativo), mas pela submissão da diferença como objeto submisso da representação com os mesmos arquétipos da analogia entre criador e criatura.

Por mais que em primeiro plano a divisão dos seres seja pautada na diferença entre suas formas e características fisiológicas, sempre haverá quem partilhe de características privilegiadas, como por exemplo o ser humano com a racionalidade. O problema da diferença aqui, para Deleuze, está na mesma abandonar o caráter específico e assumindo o papel de gênero representativo da generalidade (ou Deus).

Como conceito de reflexão, a diferença dá testemunho de sua plena submissão a todas as exigências da representação, que se torna, precisamente graças a ela, "representação orgânica". No conceito de reflexão, com efeito, a diferença mediadora e mediatizada submete-se de pleno direito à identidade do conceito, à oposição dos predicados, à analogia do juízo, a semelhança da percepção. Reencontra-se aqui o caráter necessariamente quadripartito da representação. (DELEUZE, 2018, p. 61).

As relações entre ser-matéria-forma são decorrentes ao problema da representação, fazendo com que a crítica se sustente nos modelos de pensamento que categorizam os seres e a vida em estruturas hierárquicas. Além disso, as diferentes distribuições no juízo, seja o bom senso ou o senso comum tornam-se também

¹² “Por exemplo, em Aristóteles, todas as categorias se dizem em função do Ser; e a diferença se passa no ser entre a substância como sentido primeiro e as outras categorias que lhe são relacionadas como acidentes.” (DELEUZE, 1998, p.7-8).

equivocadas de acordo com o pensamento do ser unívoco, por conta de promoverem grau de proximidades das estruturas do pensamento com uma generalidade, uma verdade, havendo um privilegiado¹³ ou “melhor partilhado”.

O que Deleuze busca retornando a Spinoza não compreende as hierarquias e classificação genérica e material; na filosofia da univocidade o Ser está imediatamente presente em todas as coisas, sem instrumento mediador. Ninguém compartilha mais ou menos, possui mais ou menos essência nem realiza mediação análoga com as exigências da representação.

O Ser unívoco, é precisamente o que Spinoza define como sendo a substância tendo todos os atributos iguais, tendo todas as coisas como modos. Os entes são os modos da substância. A substância absolutamente infinita é o ser enquanto ser, os atributos todos iguais uns aos outros, são a essência do ser, e aí temos essa espécie de plano sobre o qual tudo se assenta e onde tudo se inscreve. (DELEUZE, 2019, p. 81).

Neste plano, qualquer forma de hierarquização é abolida pois se encaixa como classificação do juízo¹⁴, aqui o que vale é a intensidade de diferenciação dos modos do ser absoluto, uma vez que todos os entes são modos desse ser e a intensidade de autoafirmação dos modos da substância é o movimento de repetição da diferença, o eterno retorno do diferente. A representação é inexistente, a essência é absoluta. Spinoza, segundo Deleuze, pensa na definição dos modos e da substância “Deus” para alcançarmos a imanência do pensamento, ora, se Deus é a essência presente em tudo e todos, não existe analogia com o conceito de representação.

A essência presente em todos os seres proporciona a pura individuação e expansão nômade¹⁵ da existência, diferenciando e se repetindo sem destino vertical, mas

¹³ A distinção está no ponto em que a analogia se reporta à imagem, como podemos ver, na cumplicidade dos elementos, tanto da diferença específica quanto da genérica, com o Ser (os entes se especificam e carregam características que se reportam ao Ser e o juízo classifica o que pode ou não se equivaler ao Ser por meio, também, de uma analogia; portanto a analogia não constitui uma individualidade pura simplesmente por ser sinônimo de equivocidade).

¹⁴ Eladio Craia argumenta sobre a crítica de Deleuze sobre o juízo como um norte do pensamento ontológico oposto à univocidade. “A fim de melhor podermos definir este esquema, devemos recorrer aquilo que a taxonomia filosófica deu em chamar de “analogia”, entendida esta como um modo especializado em relação à equivocidade, e que não deixa, portanto, de pressupor os estatutos que são próprios da mesma. Encontramo-nos, deste modo, diante da encruzilhada em que a equivocidade do ser consegue habitar intimamente e efetivamente a modelo do juízo. Tal convivência é possibilitada pela própria analogia, já que esta é parte constitutiva do estatuto daquele, ao mesmo tempo em que constitui um modo específico de equivocidade.” (CRAIA, 2002, p. 38-39)

¹⁵ “Há por outro lado uma distribuição totalmente diferente desta, uma distribuição que é preciso chamar de nômade, um nomos nômade, sem propriedade, sem cerca e sem medida. Aí já não há partilha de um distribuído, mas sobretudo repartição daqueles que se distribuem num espaço aberto ilimitado [...] É uma distribuição de errância e mesmo de “delírio”, em que as coisas se desdobram em todo o extenso de um

sim em um horizonte com raízes na mesma essência; assim anarquia e nomadismo aqui nessa discussão são o oposto de hierarquia e de categorização, tudo por já pertencerem, partilharem e se diferenciarem com a mesma essência presente em todos os seres igualmente¹⁶. A independência da equivocidade significa capacidade de expressar a essência de Deus presente em todos, portanto, a univocidade do Ser significa também a igualdade do ser. “O ser unívoco é, ao mesmo tempo, distribuição nômade e anarquia coroada.” (DELEUZE, 2018, p. 64).

Em Spinoza¹⁷, Deleuze encontra a univocidade por ela mesma nos atributos e em que eles expressam, a univocidade que possibilita o movimento de repetição por si mesma, e a imanência que exclui o ideal de hierarquia dos seres com Deus. Não é de se estranhar que o presente trabalho utilize as palavras Ser, Deus e generalidade como sinônimos, uma vez que na equivocidade representam uma imagem do pensamento, logo o principal problema que Deleuze critica na filosofia, e retorna a Spinoza para formular sua própria visão sobre natureza e vida¹⁸ é a relação entre Ser (Deus) e ente (indivíduos).

Spinoza afirmando a univocidade do Ser, a essência infinita, afirma que os entes experimentam e conhecem dois dos infinitos atributos da substância (pensamento e extensão), e os *modos*¹⁹ funcionam como afecções da substância ou desdobramentos da substância.

Dito isto, a filosofia de Spinoza é utilizada por Deleuze como principal meio

Ser unívoco e não-partilhado. Não é o ser que se partilha segundo as exigências da representação; são todas as coisas que se repartem nele na univocidade da simples presença (o Uno-Todo).” (DELEUZE, 2018, p. 63).

¹⁶ A univocidade é a unidade e individualidade por fazer partilha e não equiparações, “A única forma de se fazer com que o ente participe do ser de maneira ‘afirmativa’ e fazer com que os entes expressem o ser, que é o mesmo que dizer que o ser, como unívoco, se expressa naquilo que comporta diferenças, sem perder nada de sua unidade. Para isto é preciso que, ao mesmo tempo, o ser seja expressivo e que os indivíduos (os entes) sejam capazes de expressá-lo, e não apenas de refleti-lo ou de receber dele sua essência. Em outras palavras: as coisas já não dependem, unilateral e hierarquicamente, da natureza de um Ser que as forme, se não que elas próprias são o meio pelo qual o ser se expressa. Não haveria um ‘dizer-se’ do ser sem a infinidade dos indivíduos que o expressam.” (CRAIA, 2002, p. 54)

¹⁷ Entender a influência Spinozista ao pensamento de Deleuze é fundamental para compreender sua visão de natureza e vida. Se pensarmos que uma filosofia da diferença busca pelo unívoco e imanente, devemos ver como Deleuze realiza uma filosofia dos modos da substância.

¹⁸ “Espinosa oferece uma imagem da vida positiva e afirmativa, em detrimento dos simulacros com os quais os homens se contentam” (DELEUZE, 2002, p. 18-19).

¹⁹ “A proposição especulativa de Spinoza é: há uma só substância absolutamente infinita; isto é, possuindo todos os atributos, e o que chamamos criaturas; estas não são “criaturas”, mas sim, os modos ou as maneiras de ser desta substância. Então, uma só substância que tem todos os atributos e cujos produtos são os modos, as maneiras de ser.” (DELEUZE, 2019, p. 79).

para afirmação de uma diferença dentro da univocidade, da verdadeira individualidade dos seres (através do movimento de repetição) principalmente por não passar por uma relação de analogia com uma imagem do pensamento. Em *Espinoza e o problema da expressão*, Deleuze entende o conceito de expressão ligada aos principais pontos que dão fundamento à sua visão de natureza e vida ao lado de Spinoza: intensidade, univocidade e imanência.

No primeiro livro da *Ética*, a ideia de expressão aparece a partir da definição 6: “Por Deus entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais *exprime* uma essência eterna e infinita”. Essa ideia vai ganhando em seguida uma importância cada vez maior. Ela é retomada em contextos variados. Ora Espinoza diz: cada atributo exprime *uma certa essência* eterna e infinita, uma essência correspondente ao gênero do atributo. Ou então: cada atributo exprime *a essência* da substância, seu ser ou sua realidade. Ou ainda: cada atributo exprime a infinidade e a necessidade da *existência* substancial, isto é, a eternidade. (DELEUZE, 2017, p. 15, grifo do autor).

Os atributos, de fato, são expressões da substância, eles expressam diferentes características da substância, existindo assim infinitos atributos. Por expressarem da mesma essência, possuem o potencial para se diferirem em formas e qualidades da mesma substância, ou seja, tudo continua sendo a substância, partilhando dela, e se diferenciando qualitativamente ou formalmente²⁰, nunca quantitativamente ou numericamente, pois estas últimas são características que dividem a substância.

O movimento de repetição tem que ser unívoco pra expressar a diferença por si mesma, de forma nômade, sempre emanando da mesma essência e expressando a mesma substância. Cada atributo expressa a essência, em diferentes qualidades dependendo dos afectos²¹.

Como diz Espinoza, “só existe uma substância de mesma natureza”. A identificação do atributo a uma substância infinitamente perfeita, tanto na *Ética* como no *Breve tratado*, também não é uma hipótese provisória. Ela deve ser interpretada positivamente do ponto de vista da *qualidade*. Há uma substância por atributo, do ponto de vista da qualidade, mas uma única substância para todos os atributos, do ponto de vista de uma *quantidade*. (DELEUZE, 2017, p. 40, grifo do autor).

Os atributos *expressam algo diferente e igual ao mesmo tempo*. A diferença de intensidade das expressões dos atributos são os modos; os modos sim se diferem por quantidade ou intensidade das qualidades de mesma natureza da substância. Além disso, os modos expressam, por sua vez, modificações da substância nos atributos, por

²⁰ Em Spinoza a substância é ontologicamente uma e qualitativamente diversa.

²¹ Cf. Deleuze, 2002, p. 166.

exemplo, corpo e mente expressam uma modificação da substância, mas respectivamente a partir dos atributos de extensão e pensamento da própria substância, logo as essências dos modos e a essência da substância não se distinguem.

A substância constitui sua própria essência e os modos são seus efeitos produzidos por intensidade nos atributos da própria essência. É a imanência no movimento de afirmação e reafirmação, e nada mais fértil para a diferença que um terreno em que ela possa se afirmar dentro de uma única voz a sua própria existência no pensamento e extensão.

3. UMA FILOSOFIA DOS MODOS NO PLANO VIRTUAL DO PENSAMENTO

Como apresentado, as principais relações entre o pensamento de Spinoza e Deleuze se dão por diversos pontos em comum, um deles está por partilharem o pensamento na imanência e de um ser que não é mais compreendido como neutro, mas como parte da afirmação. Entretanto, as diferenças pontuais de acordo com o que possibilita pensar puramente a diferença, ou melhor, a intensidade, é o que é resgatado na matriz nietzscheana do pensamento de Deleuze.

O diálogo feito por Deleuze ao falar sobre o *conatus*²² e potência de vida, em *Cursos sobre Espinoza*, revela a diferença sublime e inclinada para a preferência no campo da potência que reside em todos os seres²³. Diferenciar-se por potência é o movimento puro da univocidade para Deleuze, e em referência ao argumento em *Cursos sobre Espinosa*, o homem louco e o homem racional efetuam sua potência de vida, e os afetos (que são efetuações da potência) é o que os difere.

O conatus é o esforço para experimentar alegria, ampliar a potência de agir, imaginar e encontrar o que é causa de alegria, o que mantém e favorece essa causa; mas é também esforço para exorcizar a tristeza, imaginar e encontrar o que destrói a causa de tristeza; quanto maior é a alegria de que somos afetados, tanto maior é a perfeição. (DELEUZE, 2002, p. 106-107).

A potência afirma continuamente e individualmente em si mesmo em um mesmo nível inicia e se distingue em graus de intensidade. Como já discutido, a

²² “Quando dizemos isso, tender até um limite, toda essa ideia da tendência no século XVII, que encontramos em Spinoza ao nível de um conceito spinozista, é do *conatus*. Cada coisa tende a perseverar em seu ser. Cada coisa se esforça. Em latim, “se esforçar”, se diz *conor*, o esforço ou a tendência, o *conatus*. Eis que o limite é definido em função de um esforço, e a potência, é a tendência mesma ou o esforço mesmo enquanto tende a um limite. Tender até um limite, é isto a potência.” (DELEUZE, 2019, p. 202)

²³ Cf. DELEUZE, 2019, p.119-121

univocidade e imanência são indispensáveis para a discussão, mas além disso o processo do movimento de potência e afirmação emanando a mesma essência é curiosa ao ponto de desencadear no pensamento de Deleuze uma filosofia dos modos²⁴ (falando de maneira Spinozista), pois é nos modos que a multiplicidade²⁵ dos seres se difere entre si, mas não da essência.

O indivíduo tem sua individualidade, mas não se confunde com a substância, a individualidade vem de um grau, que também não se confunde com a substância.

Levado isto a um terreno não Spinozista, poderíamos dizer que o ser se expressa naquela multiplicidade diferenciada (seja esta semântica, física, linguística ou psíquica), como diferente, mas sendo sempre unívoco. As coisas expressam o ser de modos diferentes, e este, por sua vez, dado o princípio de imanência entre a ser e o ente, apenas por elas pode ser expressado. Ora, somente aquilo que originalmente é diferença pode ser dito como diferença sem perder a sua unidade nem o seu sentido. O ser não se compara com um outro diferente e fora dele a fim de se determinar, se não que é determinado por si, ao mesmo tempo em que é dito de infinitos modos diferentes, mas com um só sentido. Ser diferença: esse é o sentido unívoco do ser. O ser é diferença e é imanente em relação ao que difere – a multiplicidade, a qual o expressa de diferentes modos –, sendo, no entanto, uno como diferença primeira. *O sentido do ser; o mesmo do ser; é ser diferença em si, primeira e imanente às coisas onde se expressa. A diferença é unívoca e se agita como expressão no mundo como multiplicidade.* (CRAIA, 2002, p. 63- 64, grifo do autor).

A definição acerca de diferença, vida, natureza, ontologia não se distanciam conceitualmente. Em Spinoza, o ser unívoco é pensado como objeto de afirmação pura em contraponto à teoria cartesiana das substâncias²⁶. Em Nietzsche, o tensionamento das forças até o limite no movimento de eterno retorno proporciona pensar a multiplicidade e a diferença por ela mesma sem formulação de um esquema para isso.²⁷

A diferença pura em contraponto das analogias se relaciona no campo do devir, sendo diferença a própria ontologia e a ontologia de tudo deve ser a diferença. É possível relacionar o movimento de repetição, autoafirmação, imanência, eterno retorno,

²⁴ Compreendemos melhor a influência e distinção do Spinozismo na filosofia de Deleuze ao indagar porque o autor realiza uma filosofia dos modos, e bem, nos modos é onde se localiza o eterno retorno. “Para que o unívoco se tornasse objeto de afirmação pura, faltava ao espinosismo apenas fazer com que a substância girasse em torno dos modos, isto é, *realizar a univocidade como repetição no eterno retorno.*” (DELEUZE, 2019, p. 397, grifo do autor)

²⁵ “Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p. 16.)

²⁶ Cf. DELEUZE, 2018, p.67

²⁷ Deleuze em entrevista a Magazine littéraire (1995) se aloca entre Spinoza e Nietzsche, “tudo tendia para grande identidade entre Nietzsche e Spinoza.” (Cadernos Espinosanos, 2007, nº 16.)

com a perspectiva de Deleuze em buscar constantemente uma independência de quaisquer faculdades divinas a todo custo, e dito isto, localizada a principal diferença entre o pensamento Spinozista e Deleuzeano. Deleuze busca uma multiplicidade pela própria multiplicidade, a multiplicidade é a diferença por ela mesma em um movimento de eterno devir.

Todavia, subsiste ainda uma indiferença entre a substância e os modos: a substância espinosista aparece independente dos modos, e os modos dependem da substância, mas como de outra coisa. Seria preciso que a própria substância fosse dita dos modos e somente dos modos, tal condição só pode ser preenchida à custa de uma reversão categórica mais geral, segundo a qual o ser se diz do devir, a identidade se diz do diferente, o uno se diz do múltiplo etc. Que a identidade não é primeira, que ela existe como princípio, mas como segundo princípio, como algo tornado princípio, que ela gira em torno do Diferente, tal é a natureza de uma revolução copernicana que abre à diferença a possibilidade de seu conceito próprio, em vez de mantê-la sob a dominação de um conceito em geral já posto como idêntico. Com o eterno retorno, Nietzsche não queria dizer outra coisa. O eterno retorno não pode significar o retorno do idêntico, pois ele supõe, ao contrário, um mundo (o da vontade de potência) em que todas as identidades prévias são abolidas e dissolvidas. Retornar é o ser, mas somente o ser do devir. O eterno retorno não faz "o mesmo" retornar, mas o retornar constitui o único mesmo do que devem. (DELEUZE, 2018, p. 68).

Retornar é tencionar as forças da diferença por si mesma até o ponto máximo qualitativamente, o devir (não do negativo) se encontra na flexibilização, na transmutação para algo positivo, algo que signifique força de afirmação.²⁸ Natureza e vida, ontologicamente para Deleuze é também uma discussão que repercute acerca do debate sobre o tempo, memória e a realidade como a enxergamos.

Mais uma diferença pontual entre Deleuze e Spinoza é inserida: Spinoza pensa um Deus unívoco, sem relações análogas e que é a substância única e infinita

²⁸ Craia (2002, p. 84-85) vê aqui como quarto momento da univocidade, ou o momento Deleuzeano. “O que o espírito nietzscheano, tal como Deleuze o concebe, consegue com a postulação do eterno retorno é colocar em movimento a univocidade do ser. Aquilo que é o mesmo de todo retornar é o próprio retornar, sendo este o ser de todos os devires. Num mundo no qual todas as atribuições e predicções fixas foram suprimidas, no qual todas as identidades foram burladas, podemos encontrar somente uma coisa que "é" sempre a mesma: o diferenciar-se interminável dos entes entre si e em relação a eles próprios, de acordo com a ordem dos fluxos de intensidade. O fato de que sempre sejam diferenças se diferenciando: esse é o ser unívoco como diferença primeira. [...] Diferença sem objeto e sem grau determinável, diferença que é o ser de tudo o que é e que se produz, a partir do eterno retorno, já não do mesmo, mas do diferente.”

O movimento unívoco Deleuzeano se localiza entre suas duas principais influências: Spinoza e Nietzsche. Um não excluindo o outro, mas contribuindo ou pensando a multiplicidade e a autoafirmação, no entanto, a principal diferença se dá por Nietzsche, ao contrário de Spinoza, não pensar em “Deus” (por mais que o Deus de Spinoza seja unívoco). A diferença, multiplicidade e intensidade para Deleuze serão fundamentais para pensar, não sobre um Deus unívoco, mas sim sobre um plano “virtual”.

responsável por uma afirmação pura, já Deleuze procura pensar sobre um “Deus” *virtual*²⁹, conceito que dá um horizonte ontológico à sua filosofia. Deleuze faz uma “filosofia dos modos” por pensar na multiplicidade pela multiplicidade, e o virtual proporciona ao múltiplo se colocar em maior potência sem depender de uma essência em potencial³⁰. A dramatização do virtual acrescenta a multiplicação do devir e não a afirmação de algo, se melhor observamos é a repetição pela diferenciação (movimento contínuo de diferenciar-se), a diferença da diferença, tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

O virtual é o plano não representacional em que acontece o puro devir na potência. É o real e não real, ideal sem ser abstrato, é a potência do que pode ser e que ao mesmo tempo já é. A busca de Deleuze pelo virtual é a máxima acentuação da multiplicidade e o território em que a diferença enquanto univocidade pura pode ser pensada sem qualquer vestígio de unidade e substância. Tal busca reafirma a “filosofia dos modos”, uma vez que em termos Spinozistas, essa diferença se encontraria nos modos da substância, mas no virtual Deleuzeano se aloca para além da substância, no intempestivo. Ora se é uma filosofia do devir, o virtual proporciona pensar também a relação de multiplicidade entre o ser e o não-ser, pois o virtual enquanto diferença afirma o movimento de devir, multiplicidade, contínua diferenciação, diferenciação³¹ e afirmação.

Segundo CRAIA (2009, p. 122) a natureza da diferença é a virtualidade por ser “a multiplicidade indefinida, um tensionamento de potências múltiplas produzindo cada vez mais dinâmicas de atualização (univocidade) e afirmação, do devir pelo próprio devir, sem definição, mas sim o eterno movimento de atualizar.” A visão de mundo de

²⁹ “Com efeito, em Bérgeon, Deleuze encontrava a formulação de um puro Ser, como memória ontológica virtual. Um Ser simples, entanto que memória pura e, o que é mais interessante, um Ser que não é indiferente ou abstrato. [...] Em termos ontológicos, não parece exagero afirmar que a interrogação ontológica deleuzeana nos conduz à célebre tese de Bérgeon que declara a natureza inconsciente e a-psicológica da memória, tese que Deleuze retoma em vários momentos da sua obra. Esta afirmação bergsoniana postula que o passado se conserva nele mesmo, e que não depende de uma consciência determinada que operasse como suporte, para poder existir.” (CRAIA, 2009, p. 114)

³⁰ CRAIA, 2009, p. 120

³¹ A diferenciação e diferenciação se encontram no movimento de atualização entre real e virtual. “Ao passo que a diferenciação determina o conteúdo virtual da Ideia como problema, a diferenciação exprime a atualização desse virtual e a constituição das soluções (por integrações locais). A diferenciação é como a segunda parte da diferença, e é preciso formar a noção complexa de diferença/ciação para designar a integridade ou a integralidade do objeto. O ç e o ci são aqui o traço distintivo ou a relação fonológica da diferença. Todo objeto é duplo, sem que suas duas metades se assemelhem, sendo uma a imagem virtual e, a outra, a imagem atual.” (DELEUZE, 2018, p.277)

Deleuze se aloca exatamente nisso, na multiplicidade, tensionamento das forças e atualização no devir, a vida é eterna diferença e diferenciação, é um eterno movimento de atualização que proporciona a diferença ser unívoca e produtora de multiplicidades singulares e não definidas.

Portanto, para Deleuze, a vida não é uma relação entre matéria-forma, mas sim matéria-força, em um plano que o processo de atualização é a diferenciação contínua do ser: a própria diferença. O Ser é diferença, a multiplicidade em si só são diversas diferenças singulares que não são definidas. A tarefa aqui não é definir algo, é realizar um nó conceitual no campo do paradoxo e das forças.

O paradoxo é a própria diferença, que retorna diferente e se difere pela intensidade para além das formas. É busca contínua de uma expressão ontológica que a diferença seja a natureza de todas as coisas, tudo é diferença sem nenhuma exclusão, tudo é um movimento de diferenciação e atualização onde a diferença é unívoca e sem analogias, onde o virtual é o campo pleno da realização da diferença pura e genuína.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro ponto, afirmo que pretendo dar continuidade a presente pesquisa de forma contínua dentro de meu grupo de pesquisa, dando profundidade às teses Deleuzeanas apresentadas no presente artigo de forma inicial. Entretanto, como visto, o desafio ao se pensar natureza e vida na filosofia de Gilles Deleuze consiste no esforço de desvincular o pensamento das estruturas de uma filosofia da representação e suas fundamentações análogas. É nítido um pensamento forte a favor da liberdade nômade e potencial da existência; um caminho que negue a ambiguidade e os dogmas da tradição, seja religioso ou epistemológico. A filosofia da representação prende a existência em formas lineares, algo que não cabe a multiplicidade diversa da filosofia da diferença.

³² Ao sintetizar o que seria a relação virtual-diferença, CRAIA (2009, p.123-124) conversa entre univocidade, multiplicidade e devir como um destino em comum: o virtual. “A diferença pode pertencer ao devir sem se manter amarrada a fundamentação da passagem do que não é para o que é, porque o virtual, isto é, a natureza da própria diferença já é absolutamente real. Trata-se do devir ontológico postulado entre formas da realidade, já que o atual não é mais que uma expressão do virtual como dimensão real. [...] O Ser- diferença pode ser unívoco porque sua natureza e a virtualidade, que permite, ao mesmo tempo, constituir multiplicidades não fechadas ou estabilizadas, e produzir uma expressão ontológica como dinâmica de singularização dos entes ou dos campos fenomênicos de aparecimento. Sua dimensão de ente pertence ao atualizado, e sua potência enquanto Ser ao virtual.”

O autor chama atenção a todo momento para uma ontologia que liberte os seres de uma relação dependente do seu próprio pensamento e dos contornos do juízo. A influência de Nietzsche em Deleuze põe em evidência a luz forte no pensamento da diferença, a vontade de potência propicia o contínuo tensionamento das intensidades de força no campo da multiplicidade, onde o acontecimento de existir sempre se atualiza.

O abandono de uma filosofia da representação possibilita com que Deleuze se aproxime de Spinoza e Nietzsche para formular os principais traços do foco principal da pesquisa: Natureza e vida. A diferença é o principal ponto que percorre sobre a visão de mundo Deleuzeana que constrói um pensamento do acontecimento e das formas de existência se relacionando com a realidade até o ponto que são afetadas e mudam sua forma em seguida.

A imersão no pensamento da univocidade é não só necessária, mas fundamental para a busca de uma afirmação da diferença pura. É preciso negar o Deus representacional e buscar em Spinoza a libertação da analogia do pensamento e do juízo, buscar um pensamento em que a diferença não se confunda na relação entre Ser e ente, uma relação que fique para além da identidade e passe para a essência para a existência. No entanto, dada a liberdade da diferença é necessário a independência e intensificação de si mesma no pensamento Nietzscheano e na matriz Bergsoniana ao pensar a vontade de potência e o virtual. Um eterno movimento de afirmação, diferenciação, multiplicidade e reverberações cada vez mais diferentes. A inclinação ao pensamento do devir é mais que justa pois também afirma um processo de diferença genuína, que não se define em momento algum mas sempre se realoca no meio, na intermediação e não nos extremos, e complementando ao início da pesquisa, o devir é pensar a escala de cinzas das cores no plano do pensamento.

A vida é diferença pura, a identidade é diferença, o virtual é o plano do ápice da univocidade e imanência da própria diferença, um plano que se expande horizontalmente, onde devir, imanência e ontologia se tornam sinônimos no múltiplo da própria diferença, sem a atmosfera opressiva da negação e da identidade. Todos os entes se encontram em diferenciação contínua, em multiplicidades de suas próprias diferenças que se distinguem intrinsecamente de forma contínua nessa diferença unívoca que se afirma em uma única voz: a da própria diferença em sua máxima potência.

O Ser é a própria diferença no eterno devir do pensamento e na identidade,

unívoco em si e em uma única voz para uma multiplicidade de vozes, que é única e múltipla simultaneamente.

Referências Bibliográficas

CRAIA, Eladio. *A problemática ontológica em Gilles Deleuze*. Cascavel/PR: EDUNIOESTE, 2002.

CRAIA, Eladio. O virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, 2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Trad. Emanuel Ângelo da Rocha et al. Fortaleza: Ed UECE, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. GT Deleuze – 12. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4ª Ed. Tr. Luiz R. Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NIETZSCHE, Carta Sobre Espinosa. Trad. Homero Santiago, *Cadernos Espinosanos*, 2007.